

## **CINEMA E EDUCAÇÃO: PERCEPÇÕES DA EXPRESSIVIDADE DO CORPO EM DOUTORES DA ALEGRIA<sup>1</sup>**

Judson Jodielson Santos de Souza <sup>2</sup>

Emanuelle Justino dos Santos <sup>3</sup>

### **RESUMO**

Este trabalho descreve a análise do filme *Doutores da alegria*, destacando os aspectos educativos presentes na obra, além de conciliar o cinema com outras expressões artísticas, como a circense e a teatral com a educação formal e informal. Também é apresentada a multirrepresentatividade do ator enquanto palhaço para interagir e compartilhar das angústias e anseios de seu público, mas resgatando perspectivas progressistas e libertadoras. O improviso e a preparação são duas ferramentas complementares e indispensáveis no trabalho do palhaço, por isso elas são desveladas neste artigo, com ênfase na relevância que possuem. Ademais, é investigada a inter-relação do humano com o mundo, quesito este presente em outras obras, como no filme *O Circo* e no cotidiano, como nas intervenções do grupo voluntário *Aprendizes do Riso*. Sensibilidade e empatia revelam-se fatores preponderantes tanto nas obras e ações analisadas quanto no próprio processo de pesquisa.

**Palavras-chave:** Expressividade, Corpo, Educação, Teatro.

### **INTRODUÇÃO**

As relações afetivas do público com um espetáculo teatral do qual acabou de assistir, e as discussões que são geradas pela obra, influenciam a vida dos sujeitos por aquilo que as narrativas evidenciam em sua apreciação. A atuação dos atores, as cenas teatrais, entre outras qualidades estéticas do espetáculo, geram múltiplas significações educativas que podem ampliar nosso olhar sobre o sensível, o lúdico, o corpo e a expressividade.

Uma das necessidades educativas mais evidentes, na contemporaneidade, se refere ao fato de que a educação precisa considerar o corpo como sujeito de suas ações e criador de sua existência. Os dispositivos normalizadores precisam ser flexibilizados

---

<sup>1</sup> O texto é resultado do projeto de pesquisa da Iniciação Científica, ciclo 2019-2020, denominado “O lúdico, a educação e a cultura de movimento: cenas da expressividade corporal no cinema” da Fal Estácio de Natal, no exercício de atividade acadêmica voluntária do estudante.

<sup>2</sup> Graduando em Pedagogia da da Fal Estácio de Natal/RN, [judsonjodielson@gmail.com](mailto:judsonjodielson@gmail.com);

<sup>3</sup> Mestra em Educação Física pelo PPgEF/UFRN e professora do curso de Pedagogia da Fal Estácio de Natal/RN, [emanuellejds@hotmail.com](mailto:emanuellejds@hotmail.com).



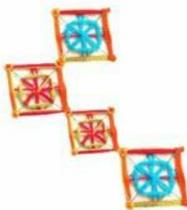
para que o corpo tenha a possibilidade de transgredir regras, demonstrar seus sentimentos, experimentar situações lúdicas e estéticas, entre outras possibilidades educativas que ampliem o conviver (NÓBREGA, 2005).

Analisar a expressividade humana e suas nuances educativas existentes nas cenas teatrais dos Doutores da Alegria no cinema, por exemplo, são inspirações para se pensar sobre o corpo, a expressividade e a cultura da alegria. Segundo Nogueira (2011), em 1986, Michael Christensen, um palhaço americano, diretor do Big Apple Circus de Nova Iorque, apresentava-se numa comemoração num hospital daquela cidade, quando pediu para visitar as crianças internadas que não puderam participar do evento. Improvisando, substituiu as imagens da internação por outras engraçadas, transportando as crianças ao universo lúdico. Essa foi a semente da Clown Care Unit, grupo de artistas especialmente treinados para levar alegria a crianças internadas em hospitais de Nova Iorque.

Em 1988, Wellington Nogueira passou a integrar a trupe americana. Voltando ao Brasil, em 1991, resolveu tentar aqui um projeto parecido, enquanto ex-colegas faziam o mesmo na França (Le Rire Medecin) e Alemanha (Die Klown Doktoren). Em setembro daquele ano, numa luminosa iniciativa do Hospital e Maternidade Nossa Senhora de Lourdes, em São Paulo (hoje Hospital da Criança), teve início o programa Doutores da Alegria, que se dedica até hoje a levar a arte teatral do circo e sua alegria a crianças hospitalizadas, seus pais e profissionais de saúde, potencializando a existência da experiência humana, especialmente por meio da besteirologia (remédio da ludicidade), atuando em hospitais de São Paulo, Rio de Janeiro, Recife e Belo Horizonte. Vemos, assim, que o tema é um assunto pertinente para ser investigado.

Nesta pesquisa, objetivamos buscar significações educativas sobre o lúdico, o teatro e a expressividade corporal nas produções cinematográficas. Além disso, almejamos elaborar proposições educativas que contribuam para a ressignificação dos estudos sobre o corpo, o teatro, a cultura, a Pedagogia e áreas afins, tendo como referenciais teóricos, Merleau-Ponty (1999) e Nóbrega (2018; 2010), especialmente.

Nessa lógica, estruturamos este artigo com essa breve justificativa sobre a importância do estudo. Em seguida, explicitamos a descrição metodológica relativa aos procedimentos de investigação. Depois, apresentamos os resultados parciais e discussão com os referenciais acessados até o presente momento do estudo. Por fim, mostramos as



considerações finais e demais informações pertinentes ao exercício investigativo deste escrito.

## **METODOLOGIA**

O método fenomenológico é, antes de tudo, a atitude de envolvimento com o mundo da experiência vivida, com o intuito de compreendê-la. Essa posição não é uma representação mental do mundo, mas envolvimento que permite a experiência, a reflexão, a interpretação, a imputação e a compreensão de sentidos (NÓBREGA, 2010).

O método consistirá na inserção e posterior interpretação das narrativas educativas que tratam sobre lúdico, expressividade, música, dança, teatro e práticas da cultura de movimento, com o foco de extrair significações que dialoguem entre si e ampliem as noções de corpo e educação.

A pesquisa considerará o contexto sociocultural das personagens, suas emoções, seus movimentos e expressividades. A análise consistirá na descrição e interpretação das narrativas artísticas, respondendo aos elementos técnicos e estéticos, constitutivos na película fílmica, em diálogo com os referenciais especificados no corpo deste escrito, especialmente Merleau-Ponty (1999) e Nóbrega (2018; 2010).

Doutores da Alegria, o filme, é um documentário com 1h 36min produzido e lançado no Brasil, no ano de 2004, com direção de Mara Mourão. O filme exhibe a realidade do dia a dia dos palhaços do grupo de mesmo nome em hospitais do Brasil, desde a criação da trupe, os desafios para se manter ativo, os preconceitos com a arte circense, como sendo algo inferior à arte erudita, e a superação dos estereótipos de “belo” e “saudável”. O movimento no hospital é intenso, principalmente dos palhaços para conquistar a confiança dos pacientes e seus familiares. Para isso, a expressividade corporal e emocional são fatores intrínsecos e dinâmicos na construção tão rápida de relações, mas em um nível elevado de compartilhamento de sentimentos, sensações que nem sempre são faladas, mas especialmente sentidas. Esses gestos gritam num olhar, num gesto e clamam por serem entendidas e acolhidas. Portanto, uma bolha cultural não é suficiente para o palhaço alcançar tamanhas expressões, ele precisa se reinventar a cada dia, a cada leito visitado, a cada história compartilhada. E aprender! O aprendizado permeia tais intervenções, promovendo competências socioemocionais, consciência



espaço-temporal e autocuidado para viver com intensidade e esperança no ambiente hospitalar e fora dele.

A partir do diálogo com nosso referencial, haverá abertura para o inédito e o instigante ofício de dar sentido, arrumar ideias, questionar o escrito, ponderar, arriscar e articular algumas partes para traçar percursos interpretativos sobre o fenômeno investigado, migrando para novos entendimentos e compondo uma cartografia do sensível nas várias nuances educativas da expressividade humana no cinema. Esse exercício pode ser metaforizado ao ofício de uma bordadeira: engajada na elaboração de sua peça artesanal, ela se dispõe por inteira para tecer seu bordado.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Produzido no Brasil e estreado em 2004, o filme “Doutores da Alegria”, sob direção de Mara Mourão, exhibe o trabalho de palhaços profissionais no cotidiano de hospitais infantis por todo o Brasil. Na produção, é possível conhecer, desde a formação, a trajetória do grupo, cujo objetivo é transformar de forma positiva, a vida dos pacientes, seus responsáveis e, até, a equipe de funcionários.

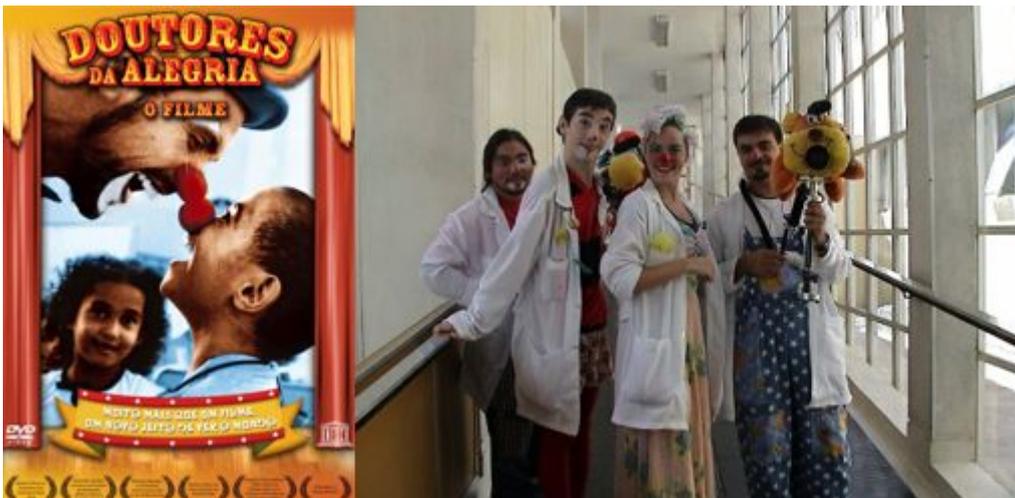
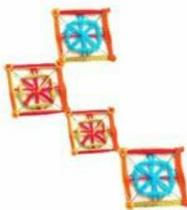


Figura 1 - Doutores da Alegria e os palhaços. Fonte: Doutores da Alegria - o filme.

Trata-se de um documentário sobre a realidade dos hospitais infantis, mas com uma visão leve, alegre, a visão do palhaço que não vê crianças doentes, diagnósticos médicos. Ao contrário, é um modo de estar completamente subversivo, de quem não



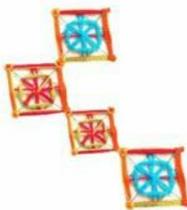
precisa obedecer à lógica, à ordem correta do mundo, precisa apenas viver aquele momento único, aquele sorriso que não pode ser deixado para depois.

A descoberta dos movimentos dentro da arte circense está ligada ao desequilíbrio corporal. Quando a liberdade e leveza dos movimentos são oportunizados, estes tendem a expressar graça (SEBASTIÃO, 2016). Deste modo, no filme *Doutores da Alegria*, o improviso também marca a atuação dos palhaços, não determinando, com isso, um despreparo, mas, sim, uma forma de diálogo com os espectadores e o ambiente, pois como afirma Matraca, Wimmer e Araújo-Jorge (2010), “a criação de mecanismos de diálogo e encontros favorece a mediação de saberes entre agentes de promoção da saúde e a população”.

O palhaço entra em cena, no palco de vários leitos de hospital, não para menosprezar a ciência ou as intervenções médicas, mas para humanizar os “casos”, para dar vez e voz ao conhecimento subjetivo dos pacientes, de seus responsáveis, conhecimento este, por vezes, extremamente relevante para a recuperação, para a cura. Cura, aliás, que compõe-se como conceito subjetivo, haja vista, praticamente, a impossibilidade de se alcançar um estado de saúde onde não haja qualquer vestígio ou sequela de alguma deficiência, de qualquer natureza, quer seja física, emocional, psíquica etc.

A saúde é entendida, nesta pesquisa, de forma ampla, abrangendo diversos fatores do cotidiano humano que convergem para sua qualidade de vida, alegria e satisfação internas. O ator espelha o desejo das crianças, nesse sentido, de brincar, de sorrir, de viver e de se sentirem saudáveis, curadas. Desejo, muitas vezes, reprimido pela sensação de impotência frente ao diagnóstico e ao tratamento. Afinal, qual a fronteira entre a saúde e a doença? O palhaço não vê e não precisa encontrar esse limite, ele apenas precisa sorrir, haja vista que até a doença para ele é motivo de piada. Ora, o palhaço pode vestir-se de diversas personalidades, e em todas alegrar-se, ou alegrar alguém, a doença é apenas um detalhe diante da imensidão de experiências e oportunidades de sorrir proporcionadas pela existência todos os dias, inclusive em situação de internação hospitalar. Por que não?

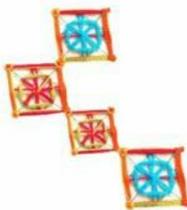
Quem diria que um bobalhão, que mais parece nem saber onde está nem o que quer, conseguiria traduzir de forma tão singela e natural os anseios e emoções que nenhum exame de raio x, tomografia computadorizada ou qualquer outro poderia



decifrar? Quem imaginaria que ele faria tal diagnóstico e imediato tratamento, muitas vezes, sem sequer abrir a boca? No caso do filme *Doutores da Alegria*, por meio da *Besteiriologia*.

Refletindo a expressividade corporal presente nas ações do personagem Carlito do filme *O Circo* (1928), era em silêncio que ele alegrava as pessoas, a voz do seu corpo já era suficiente, seus movimentos demonstravam o que ele sentia internamente, bem como há a interação imediata dos sentimentos de seus espectadores e/ou companheiros. De modo semelhante, o palhaço parece “cair de paraquedas” no centro de um ambiente de tratamento de doenças, vacinas, exames, visitas indesejadas e tantas frustrações; e, ali, permanece desorientado por um breve período de tempo, tentando entender porque as pessoas estão tão tristes, cabisbaixas, crianças! crianças não deveriam ficar tristes. Então, ele decide fazer o que lhe é inato: rir e fazer rir. Na sequência, até sua respiração é motivo para gargalhada, mais uma vez está a quebrar paradigmas e iluminar pessoas e lugares: foi para isso que ele nasceu. Como o personagem Carlito que perdia toda a graça ao tentar ser normal, o palhaço alimenta-se das risadas alheias e devolve, em troca, um sentimento de esperança e paz que as pílulas e injetáveis não alcançam.

Na Figura 1, exibe-se a preparação dos palhaços para entrar em cena, aquecendo a voz, projetando situações e intervenções, conhecendo os pacientes através de seus prontuários e relatos dos enfermeiros e médicos, apesar da imprevisibilidade intrínseca ao ambiente. A partir desse conhecimento prévio, os artistas começam a projetar métodos de intervenção, que, necessariamente, são singulares, projetadas para cada paciente, como as ações dos médicos, enfermeiros, técnicos de enfermagem e de toda equipe hospitalar são direcionadas especificamente a cada paciente, seguindo diagnósticos e prontuários, também assim se dá a atuação dos palhaços, haja a vista a responsabilidade em lidar com o emocional das crianças, que pode impactar seus quadros de saúde, positiva ou negativamente. Observando-se, apenas, o momento de preparação, já é notória a indispensabilidade da performance multilateral desses artistas para alcançar seu objetivo principal: conquistar sorrisos de toda e cada pessoa do ambiente hospitalar. Mas, para tal, é preciso o retorno para dentro de si mesmo, a fim de conhecer-se e expurgar os preconceitos e paradigmas que os amarram a uma visão estática e padronizada da existência para, enfim, alcançar novas formas de enxergar e envolver-se com o mundo e com as pessoas no mundo, pois “o corpo e a experiência de



movimentos fundam a linguagem sensível, que é plástica, poética, configurando a possibilidade de uma nova compreensão do ser humano e do conhecimento.” (NÓBREGA; MEDEIROS, 2009)

É visível a preocupação dos Doutores da alegria em não demonstrar comiseração, mas, também não, indiferença em relação ao estado físico e psicológico atual da criança, haja vista que esta não necessita dessas relações nesse momento, mas, sim, sintam-se potenciais indivíduos esperançosos em seguir sua trajetória de vida normalmente, ainda que por um breve momento, estejam passando por situação que lhes cause tristeza e revolta, mas o palhaço está lá para mostrar que mesmo em meio ao caos, é possível e preciso sorrir, sonhar e acreditar.

Torna-se importante destacar a liberdade do palhaço, em seus movimentos, palavras e atitudes. Diferentemente de uma pessoa comum, o palhaço não é obrigado a se comportar dessa ou daquela forma, ele, simplesmente, vive como acha mais legal, mais engraçado. Essa liberdade corpóreo-attitudinal provoca a graça no palhaço, e reflete nos espectadores que se vêem, por vezes, representados no artista, que tem, justamente, o poder de representar sua plateia, seja por sentimentos escondidos no interior, ou até no inconsciente do ser humano, que não sabe como expressar ou que não quer expressar por questões morais, políticas, psicomotoras, quaisquer que sejam.

No filme *O Circo* (1928), o personagem Carlito foge de situações que se envolvera acidentalmente, e se envolve em outras, também acidentalmente. Da mesma forma, as crianças internadas em hospitais estão tentando fugir da doença que as acometeu, da dor, das exaustivas intervenções médicas, remédios, cirurgias, do medo da morte, sim. São tantas as aflições que enfrenta essa pessoa em desenvolvimento. Mas ela não pode fugir, ela precisa enfrentar e ser forte. Convenhamos que não é nada fácil. E o palhaço? Foge? Não, o palhaço não foge de tudo isso. Ele enfrenta, enfrenta junto com a criança. Ele não ignora o estado atual dela, mas prioriza a própria criança. Ora, pois as aflições passam, o ser permanece. O palhaço, de certa forma, está dizendo que está com a criança e pede licença para atravessar alguma(s) dessas aflições segurando sua mão.



Figura 2 - O menino e o leão. Fonte: Filme Doutores da Alegria.

A Figura 2 retrata a cena em que dois palhaços brincam estar com medo de um leão de pelúcia, e vão entrando bem devagar no quarto, com cuidado, é notável a importância da sincronia do palhaço com o ambiente físico/emocional, como se fossem uma “coisa” só, pois o profissional precisa conquistar a confiança e atenção da criança rapidamente, usando para isso objetos visíveis ou não, fixos ou transitórios, seres animados ou inanimados (pessoas que transitam, esparadrapo que cai no chão, avião que voa lá fora etc).

Percebemos, com base na fenomenologia de Merleau-Ponty (1999), que o ser humano e o mundo são interligados, aquele conhece o mundo e o recria através de suas experiências sensíveis, de seu corpo que pensa e move-se, conforme suas pretensões subjetivas. Assim, não adiantaria fugir da realidade atual das crianças, como se isso fosse curá-las e “libertá-las”; necessário é estar/viver com elas aquele momento, que mesmo não sendo agradável, servirá para aperfeiçoar sua consciência de mundo, e sua relação com este.



Figura 3 - Os palhaços “besteirólogos” e a menina. Fonte: Doutores da Alegria.

Na figura 3, pode-se visualizar a cena em que dois palhaços interagem com uma menina que está desenhando um gato, questionando seu desenho, dizendo que são bichos diferentes, fingindo acreditar que há um gato no quarto quando a criança começar a miar, até o ponto que a menina questiona quem são aqueles dois sujeitos que



com ela conversam e dizem ser doutores, ela afirma serem palhaços, sendo contrariada por estes, provoca-se, assim, o olhar subjetivo da criança. Quem é o doutor? Quem é o médico? Quem cura? Quem alegra? Os dois lados se completam ou se apartam? Por que eu desenho um gato e não um elefante? Por que insisto em discutir com estes indivíduos que mais parecem dois bobalhões, mas que me fazem tanto bem?

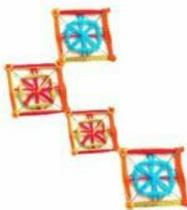


Figura 4 - A gente pode entrar? Palhaços com o pai e a filha. Fonte: Filme Doutores da Alegria.

Os palhaços usam essa pergunta repetidamente aliada à porta como recursos para atrair a atenção dos espectadores. Esses últimos observam os palhaços realizando peripécias para conquistá-los. A cada trapalhada, risadas soltas. Na cena visível na Figura 4, três palhaços visitam uma menina, usam a porta do quarto para fazer peripécias, arrancando risadas. Quando eles perguntam à criança, pela segunda vez, se podem entrar, ela afirma que não, eles então fazem novas peripécias para sair do recinto. O adulto, tudo observa e também ri muito, ao mesmo tempo que deixa a criança livre para receber ou não os palhaços, o responsável pela criança contribui, juntamente com os artistas para a alegria do local.

Em todo o filme, é evidenciada a importância de respeitar a vontade da criança, pois esta já é “obrigada” a tantas intervenções médicas, visitas, às vezes, indesejadas, esses sentimentos de invasão, falta de privacidade e ausência do poder de escolha são quebrados quando a criança percebe que não tem que receber e agradar ao palhaço, mas basta, simplesmente, ser natural, espontânea.

A cultura circense envolve todo o hospital, palhaços que brincam com funcionários no elevador, na bancada da enfermagem e em outros lugares, expressando alegria e desprendimento do formal, do "politicamente correto" de forma leve, livre, sem preconceitos, sem estigmas, apenas pelo prazer de sorrir. Movimentos imediatos, espontâneos aproveitam-se dos mais singelos acontecimentos, como um avião voando lá fora, para imaginar e criar histórias. Sim, criar, viajar no mundo da imaginação e

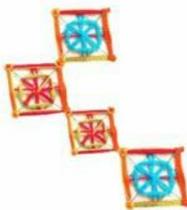


fantasiar outras formas de ser, de viver. Quem está de fora talvez não entenda como palhaços ousam virar ao avesso um ambiente de tamanha seriedade e discricção, como um hospital, para encher de lorotas e devaneios a cabeça de pacientes e seus responsáveis, ora, e até da junta médica! Mas será que toda essa rebeldia, simplesmente, foi depositada pelos artistas na cabeça de todos ou foi despertada? Bem, há uma cena do documentário *Doutores da Alegria* em que é explicitada determinada intervenção onde os palhaços contam às crianças que na casa em frente ao quarto delas vive um duende e, posteriormente, esse duende aparece na janela da casa e passa a brincar e interagir com os pacientes por telefone, até a equipe de enfermagem entra no delírio e na euforia, com tamanho realismo e realização pessoal provocados pelo duende - um ator amigo dos palhaços e acordado com estes. Ora, não é todo dia que se conhece o cotidiano de um ser especial. Essa cena tão alegre e inspiradora reflete a afirmação de Camargo (2020) de que “a expressão mais forte e espontânea da fantasia é o devaneio: o pensamento corre sem amarras, levando-nos para os mais variados lugares e situações, e nele nos tornamos diferentes.”

É notória a sensibilidade dos artistas para identificar-se com os sentimentos das crianças, apenas pelo olhar, para, assim, saberem se devem ou não intervir em determinados momentos, a criança não é obrigada a estar de bom humor e com disposição. O palhaço, sim, precisa expressar-se da maneira mais adequada para cada criança, conquistando sua atenção e seu tão esperado sorriso.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo da pesquisa, observamos que as ações do grupo *Doutores do Riso* possuem nuances educativas relevantes ao processo de formação escolar e sociocultural, cultivando enlances entre competências emocionais, cognitivas e psicossociais, contribuindo educacionalmente, assim, para o amadurecimento de pessoas em desenvolvimento. Wellington Nogueira inspirou-se na *Big Apple Circus Clown Care Unit*, criada pelo ator e palhaço Michael Christensen, para fundar os *Doutores da Alegria*. Enquanto estudava na *Academia Americana de Teatro Dramático e Musical de Nova Iorque*, nos Estados Unidos, em 1984, Nogueira conheceu a iniciativa de Christensen, que, no primeiro momento, lhe pareceu abaixo das suas expectativas como

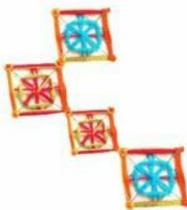


artista, haja vista sua formação em uma escola teatral tão renomada. Entretanto, ao se aprofundar no projeto, reconheceu sua perspectiva educativa e transformadora, não sendo apenas algo assistencialista ou distrator da dor alheia. Enfim, em 1991, Nogueira fundou o grupo Doutores da Alegria em São Paulo, Brasil, destacando, com suas intervenções, o sublime papel de humanização hospitalar através da arte circense.

Assim como os Doutores da Alegria, inúmeros grupos de palhaços e afins trabalham voluntariamente em hospitais infantis, adultos, lares de idosos, ruas, praças, em tantos e quaisquer lugares onde alguém precise de uma palavra, um gesto, uma gargalhada, não para anestesiá-lo por um momento, com brincadeiras e sorrisos, como um lapso de liberdade da prisão hospitalar, mas, sim, trazer à reflexão a possibilidade da alegria, do aprendizado, da vida ali, ali mesmo onde estão, não estanques, não desprezados, mas atravessando uma fase entre tantas que ainda não sabem enfrentar; por isso, também, diversos grupos promovem a educação socioambiental em hospital infantil, para que a criança continue sentindo-se parte integrante e importante (o que, de fato é) do seu planeta que precisa ser cuidado e conservado para o bem das atuais e futuras gerações. Ora, se a criança, mesmo internada, depende do bem-estar de um planeta “lá fora”, e este também depende da criança para lhe manter em saudável estado, então a criança não pode desistir e entregar-se à melancolia da doença que a afeta, mas não a destrói. A criança precisa fazer sua parte para recuperar-se e contribuir para a sustentabilidade global.

Resgata-se, assim, a autoestima e ao mesmo tempo abre-se caminho para a arte do palhaço, que não é invasiva, mas pode ser irresistível. O respeito e a empatia são valores sociais intrínsecos ao trabalho sociocultural, podendo ser promovidos através de dinâmicas reflexivas e colaborativas, que visam o reconhecimento de si, suas capacidades, virtudes e defeitos, e projetam os mesmos quesitos no outro, sabendo que, por vezes, sua opinião poderá ser questionada ou precisará ser reavaliada.

Por fim, percebemos que o trabalho realizado pelos Doutores da Alegria tem nuances educativas de cunho social, que pode dialogar com formação escolar, pois inspiraram a criação de vários outros artistas voluntários a criar grupos e transmitir alegria para as crianças e jovens em diversos espaços hospitalares pelo mundo afora, inclusive, por todo o território brasileiro. Nesse sentido, perspectivamos realizar um novo estudo de cunho interventivo e educativo, tendo em vista que o bolsista realiza um



trabalho voluntário, similar ao que é feito pelo Doutores da Alegria, ampliando nosso olhar sobre a expressividade corporal e melhor contribuindo com a realização de uma educação mais lúdica e sensível para todas as pessoas. Por fim, temos a intenção de aprofundarmos o processo investigativo em um novo estudo, visando corroborar atitudes que podem aprimorar uma educação formal e informal humanitária, significativa, cooperativa, crítica, sensível e lúdica.

## REFERÊNCIAS

MERLEAU-PONTY, M.. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo/SP: Martins Fontes, 1999.

NÓBREGA, T. P.. **Corporeidade e educação física: do corpo objeto ao corpo sujeito**. 2 ed. Natal/RN: EDUFRN, 2005.

NÓBREGA, T. P.. **Fenomenologia do Corpo**. São Paulo: Livraria da física, 2010.

NÓBREGA, T. P. (Org.). **Estesia: corpo e fenomenologia em movimento**. São Paulo: LiberArs, 2018.

NÓBREGA, T. P.; MEDEIROS, R. M. N.. **A palavra é gesto: reflexões estéticas sobre o corpo**. Motriz, Rio Claro, v.15, n.3, p.723-728, jul./set. 2009.

CAMARGO, L. O. L. **O lúdico na cultura contemporânea**. Revista de Educação Pública, v. 29, p. 1-24, jan./dez. 2020.

MATRACA, M; WIMMER, G; ARAÚJO-JORGE, T.. **Dialogia do riso: um novo conceito que introduz alegria para a promoção da saúde apoiando-se no diálogo, no riso, na alegria e na arte da palhaçaria**. Scielo, 2011. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232011001100018](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232011001100018)>. Acesso em: 01 mai. 2020.

CHAPLIN, C.. **O Circo**. [07 nov. 2018]. São Paulo/SP, 2018. Vídeo (1h27min). Filme completo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QMw5OtiLTT8&t=1559s>> . Acesso em: 01 mai. 2020.

NOGUEIRA, W.. **Doutores da Alegria**. [09 mai. 2011]. São Paulo/SP, 2011. Vídeo (1h27min). Filme completo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sOq9JKsTUnM>> . Acesso em: 15 mar. 2019.